

BVA
VOLUME
105

1995



REVISTA DE GVIMARÃES





ÍNDICE

Revista de Guimarães — 1995

J. SANTOS SIMÕES – <i>Na passagem do centenário de «O Archeologo Português»</i>	7
JORGE DE ALARCÃO – <i>A Arqueologia como semiologia da cultura material</i>	21
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO – <i>Arqueologia: Investigação e Património</i>	45
MARIA DE LA SALETE DA PONTE – <i>A Arqueologia e o arqueólogo neste final de século</i>	59
LUÍS RAPOSO – <i>Algumas reflexões e propostas acerca da constituição de um Conselho Superior de Arqueologia</i>	63
FRANCISCO J. S. ALVES – <i>Memorando(s)</i>	99
FRANCISCO DE SANDE LEMOS – <i>Martins Sarmento e a Arqueologia portuguesa dos anos setenta e oitenta do século XIX</i>	117
MANUELA MARTINS – <i>Martins Sarmento e a Arqueologia dos Castros</i>	127
SONIA MARÍA GARCÍA MARTÍNEZ – <i>La epigrafía romana del concelho de Guimarães. Un estado de la cuestión</i>	139
ANTONIO BELTRÁN – <i>El arte rupestre del Noroeste Español y las corrientes culturales entre el Atlántico, la meseta y el mediterráneo</i>	173
J. AMADO MENDES – <i>A Arqueologia industrial ao serviço da história local</i>	203
MANUEL CARVALHO MONIZ – <i>Os subúrbios de Évora nos princípios do século XIX</i>	219
ALBERTO LAMEIRAS – <i>Festas e rituais com que vivemos: Nivelamento ou diferenciação?</i>	251
JUSTINO PEREIRA DE MAGALHÃES – <i>A Sociedade Martins Sarmento, uma Instituição Secular ao Serviço da Educação e da Cultura. – um apontamento sobre sua fundação</i>	271

MARTINS SARMENTO E A ARQUEOLOGIA PORTUGUESA DOS ANOS SETENTA E OITENTA DO SÉCULO XIX

Francisco de Sande Lemos

1. Decorreram cento e sessenta e dois anos desde o nascimento de Francisco Martins Sarmiento, e cento e dois desde a sua morte. A sua personalidade, a sua vida, a sua obra, o seu percurso institucional e intelectual, são conhecidos. Numerosos textos foram-lhe dedicados. Autores como Alberto Sampaio, Leite de Vasconcelos, Ricardo Severo, Mário Cardozo, subscreveram incisivas notas biográficas sobre Martins Sarmiento, salientando este ou aquele aspecto da sua vida ou obra, ou sintetizando os aspectos mais marcantes.

Não temos a ambição de acrescentar nada de novo. Nesta cerimónia evocativa apenas pretendemos recordar o momento histórico em que Martins Sarmiento se destaca como arqueólogo e paleo-etnólogo, reconstituir de forma breve a atmosfera de uma época. Lembrar, em breves palavras, a maneira decisiva como o ilustre vimaranense interveio na sua época, contribuindo para o avanço dos conhecimentos.

Deste modo abriremos caminho para a subsequente conferência da doutora Manuela Martins, que estabelecerá com adequado rigor e profundidade o contributo de Martins Sarmiento como fundador dos estudos de Proto-História em Portugal, e como pioneiro da Paleo-Etnologia, uma disciplina de que hoje muito se fala.

2. Para reconstituir a época, e os contextos, em que Martins Sarmiento se afirma como investigador, dispomos de inúmeros dados.

Mas, sobretudo, dois acontecimentos, ocorridos em 1877 e 1880, são privilegiados.

O primeiro foi a Conferência da Citânia, celebrada em Março de 1877. O segundo a excursão dos participantes no Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas ao Norte de Portugal, a Braga e à Citânia, realizada em Outubro de 1880. Pelos protagonistas, pelos resultados, pela forma como decorreram, estes dois momentos simbolizam patamares diferentes no percurso de Martins Sarmiento e da própria Arqueologia portuguesa¹.

Mas, antes de entrarmos na evocação mais pormenorizada desses eventos, lembremos, de forma sucinta, alguns factos precedentes que preparam a década de ouro da nossa arqueologia, a que decorre entre 1875 e 1885².

Concluída a guerra civil, terminada a ditadura de Costa Cabral, o nosso país entra numa fase de estabilidade a que se deu o nome de Regeneração. É neste contexto sócio-político que se lançam as primeiras iniciativas com repercussões directas na edificação de um novo saber sobre o passado longínquo. Em 1847 funda-se a Sociedade Arqueológica Lusitana, destinada a explorar as ruínas romanas de Tróia; em 1856 cria-se a Comissão dos Trabalhos Geodésicos; em 1857 a Comissão dos Trabalhos Geológicos; em 1858, estabelece-se o Curso Superior de Letras de Lisboa; em 1859 reforma-se a Escola Politécnica; em 1863 fun-

¹ A estes acontecimentos, à Conferência celebrada em Briteiros em 1877, e à excursão a Braga e Briteiros de participantes na IX Sessão do Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas dedicámos dois artigos: (...) Para esses artigos e para a numerosa bibliografia e iconografia, neles citadas remetemos os leitores interessados em aprofundar a matéria.

² Sobre a história da arqueologia nos seus primórdios, na segunda metade do século XIX, elaborámos dois artigos para os quais remetemos: (LEMOS 1987 e 1989).

da-se a Associação dos Architectos, a que posteriormente (1872) se juntariam os Archeólogos Portugueses. Ou seja, uma malha, uma rede institucional, a partir da qual diversas personalidades, com diferente formação e origem, principiam a construir um novo conhecimento sobre o passado longínquo. Entre essas personalidades destacam-se os pioneiros Francisco Pereira da Costa (1809-1889) e Carlos Ribeiro (1813-1862).

A sua motivação ideológica é o romantismo, o mistério das origens, o fascínio das ruínas. Mas, os resultados concretos começam a somar-se. Nos anos que decorrem entre 1875 e 1885, as sementes lançadas durante as décadas anteriores frutificam. Fundam-se novas instituições, criam-se revistas, publicam-se obras de vulto, multiplicam-se os pólos de actividade.

Todo este movimento é liderado por uma nova geração, nascida nos anos 30. Entre os novos pólos da investigação em desenvolvimento, destaca-se a cidade de Guimarães. Entre os líderes desse processo avulta Martins Sarmiento.

A Conferência da Citânia é o momento em que se reconhece o impacte do projecto iniciado dois anos antes, com as escavações de Briteiros. Vamos evocar alguns aspectos dessa Conferência, a primeira que se celebrou no nosso país exclusivamente dedicada a temas de Arqueologia.

3. Sensibilizados pelos dois álbuns de fotografias, que Martins Sarmiento organizara e enviara ao Instituto de Coimbra e à Sociedade de Geografia de Lisboa, bem como por diversos artigos saídos a lume em jornais do Norte e do Sul, eruditos de Porto, Coimbra e Lisboa, acolheram com entusiasmo uma iniciativa conjunta de Albano Belino (1818-1903) e Martins Sarmiento, para celebrar uma conferência na Citânia.

Martins Sarmiento e o antiquário de Braga almejavam, com esta reunião, encontrar respostas para determinadas questões de ordem paleo-etnológica, cultural e cronológica, que tinham resultado das escavações levadas a efeito no Monte de S. Romão

desde 1874. Para tal pretendiam congregar *in loco*, os mais consagrados eruditos da época.

Prevista para ter lugar no Outono de 1876, devido ao mau tempo, a reunião foi sucessivamente adiada, até que se concretizou em Junho de 1877. Faltaram alguns nomes de peso como **Alexandre Herculano** ou **Adolfo Coelho**. Estiveram, no entanto, presentes figuras como **Possidónio da Silva** (nascido em 1806, falecido em 1896, fundador e Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses), **Augusto Soromenho** (n. 1834, m. 1878, erudito, professor do Curso Superior de Letras, figura algo polémica); **António de Sousa Hölstein** (n. 1838, m. 1878, Marquês de Palmela, inspector da Academia das Belas Artes, erudito empenhado em reformar o ensino da História da Arte e em criar estruturas oficiais de defesa dos monumentos artísticos e arqueológicos); **Teixeira de Aragão** (n. 1823, m. 1903; Cirurgião-Mor do Exército e numismata, membro da Academia de Ciências), **Luciano Cordeiro** (n. 1844, m. 1900, funcionário público e Secretário Perpétuo da Sociedade de Geografia de Lisboa); **Filipe Simões** (n. 1835, m. 1884, reorganizador do Museu do Cenáculo em Évora, Lente de Medicina na Universidade de Coimbra, fundador do Instituto de Coimbra e do respectivo Museu).

A visita à Citânia, os brindes durante o lanche, servido *in loco*, o jantar e baile em Guimarães, a reunião científica na biblioteca de Martins Sarmiento, foram minuciosamente registados pelos jornalistas da imprensa de Guimarães, Braga e Porto.

Para todos a Conferência foi um sucesso, e como tal descrita ou recordada.

No entanto, se do ponto de vista social o êxito da reunião foi indiscutível, já no que diz respeito aos seus resultados científicos, Martins Sarmiento ficou desapontado. As questões apresentadas ficaram sem respostas. Os sábios, como então se dizia, de Coimbra e Lisboa, não possuíam conhecimentos suficientes para interpretar as ruínas e os objectos.

De facto, se a Conferência de 1877 consagrou Martins Sarmiento como estudioso de antiguidades e a Citânia de Briteiros como ponto de referência obrigatório (no quadro da Arqueologia portuguesa em processo de gestação), na verdade o impacto científico do trabalho de arqueólogo vimaranense só seria devidamente apreciado e difundido alguns anos depois, em 1880.

4. Numa manhã soalheira, há pouco mais de um século, a 8 de Outubro de 1880, um grupo de investigadores e eruditos, portugueses e estrangeiros, guiados por Martins Sarmiento, subiram a encosta sul do Monte de S. Romão. Eram os participantes da IX Sessão do Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, celebrada em Lisboa, que visitavam o Norte de Portugal. Entre os nacionais figuravam **Andrade Corvo, Nery Delgado, Estácio da Veiga e Joaquim de Vasconcelos.**

Andrade Corvo (nascido em 1824, falecido em 1890, oficial do Exército, professor de agricultura, dramaturgo e político) representava a cultura oficial. Presidente do Congresso, Conselheiro de Estado, Ministro Honorário, Andrade Corvo era, segundo o "António Maria" (o corrosivo jornal de Rafael Bordalo Pinheiro): "Documento destinado a persuadir os estrangeiros de que é possível em Portugal, ainda que esporadicamente, ser o mesmo indivíduo um ministro d'estado e um homem instruído".

Já Nery Delgado (n. em 1835, m. em 1908, militar, engenheiro e geólogo) e Estácio da Veiga eram investigadores da mesma geração de Martins Sarmiento, nascidos na década de 30, tendo desempenhado um papel essencial na emergência da arqueologia portuguesa.

Nery Delgado será o continuador de Carlos Ribeiro na Comissão Geológica e deixará vasta obra, como estudioso de temas de quaternário, neolítico e megalitismo, para além dos inúmeros trabalhos que dedicou à geologia.

Estácio da Veiga marcará a história da Arqueologia como iniciador de prospecções sistemáticas e dos estudos regionais,

vindo a publicar em 1884 os quatro volumes das Antiguidades Monumentais do Algarve, referência indispensável de todos os futuros estudos sobre o litoral sul de Portugal.

Joaquim de Vasconcelos (1849-1936) é mais jovem. Admirador de Martins Sarmiento, o seu interesse será progressivamente desviado da Arqueologia para a História da Arte. Foi, no entanto, ele o tradutor para português de um texto alemão, intitulado "Citânia", assinado por Emílio Hübner e que mereceu o conhecido e oportuno reparo de Martins Sarmiento "Observações à Citânia do Sr. Emílio Hübner".

Se estas presenças eram significativas, não eram menos as ausências. Faltavam, na lista dos participantes portugueses, as personalidades mais destacadas que tinham estado na Citânia, na anterior Conferência de 1877. Augusto Soromenho e Sousa Hölstein tinham falecido em 1878. Faltaram Possidónio da Silva, Teixeira de Aragão, Filipe Simões, Luciano Cordeiro.

A ausência destes nomes, que poderemos considerar como antiquários ou amadores, é significativa.

Entre 1877 e 1880, o trabalho de Martins Sarmiento abandonara a esfera do amadorismo, para entrar no campo da actividade científica.

Mas regressemos ao grupo de congressistas que se deslocara a Briteiros, naquela acolhedora manhã de sol. Na sua maioria eram estrangeiros, das mais diversas nacionalidades. Estavam representadas a França, a Bélgica, a Alemanha, a Polónia, a Dinamarca, a Espanha e a Itália.

No alto, admiraram a paisagem característica do Minho e observaram em detalhe as ruínas postas a descoberto por vários anos de escavações.

Em especial a Pedra Formosa, hoje depositada no Museu da Sociedade, mas na ocasião ainda conservada no cimo de Briteiros no interior de uma das duas casas castrejas restauradas, provocou opiniões divergentes. Alguns congressistas, convencidos que se tratava de um altar destinado a sacrifícios humanos,

chegaram a colocar o pescoço na abertura da Pedra, exemplificando assim a maneira como as vítimas seriam imoladas.

O exame das ruínas foi completado com a observação dos materiais exumados, dispostos em mesas de madeira. Aliás, não figuravam apenas os materiais de Briteiros, mas, também, os de Sabroso, o que permitiu aos congressistas apreender com nitidez a diferença entre o universo romanizado da primeira e o mundo indígena, pré-romano, exumado no segundo sítio.

Depois os excursionistas foram obsequiados com um retemperador “lunch” servido *in loco*.

Não conseguimos apurar o menu do almoço oferecido por Martins Sarmiento. Por certo não terá sido menos revigorante que o almoço servido em 1877.

Retemperados, os congressistas, cerca da 1 hora da tarde, desceram, retomaram as carruagens e seguiram rumo a Braga, directamente para a estação, onde os esperava um comboio especial que os levaria de regresso ao Porto e a Lisboa.

Desta visita não ficaram apenas as impressões pessoais que se diluíram com o tempo, o manuscrito com os testemunhos breves, embora elucidativos, dos congressistas, a placa que assinala a passagem da excursão pelo Solar de Briteiros, ou as notícias na imprensa local e nacional.

Diversos visitantes estrangeiros publicaram em jornais, ou em revistas especializadas, as suas impressões acerca da viagem, da Citânia de Briteiros e sobre Martins Sarmiento. Um dos textos mais marcantes, pelo estilo, pela riqueza dos apontamentos e perspicácia das observações deve-se a Virchow. Parte do seu relatório à Academia de Berlim foi publicado nas actas do Congresso de Lisboa.

Num dos pontos desse documento Virchow, um dos mais ilustres participantes no Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, compara Martins Sarmiento a Schlieman.

Virchow não era um sábio qualquer, um erudito distraído do mundo e das coisas. Alemão, médico, professor de patologia, era muito conhecido quer pelos estudos de antropologia física quer pela participação nas escavações de Tróia e de Micenas. Além disso, Virchow desempenhava um importante papel político na conturbada Alemanha da segunda metade de oitocentos. Leader do Partido Liberal, foi um dos principais opositores de Bismarck. Era, pois, uma personalidade europeia, cuja influência se estendia muito para além do campo científico ou erudito.

E a comparação que estabelece entre Martins Sarmiento e Schlieman, possui um significado muito preciso.

Schlieman era uma figura lendária. Alemão, homem de negócios, acumulara uma soberba fortuna, que tinha posto ao serviço da Arqueologia. Apaixonado pelos poemas de Homero, financiou, promoveu e dirigiu as primeiras expedições que exumaram as ruínas de Tróia, na Turquia e os túmulos micénicos, no Peloponeso.

A comparação estabelecida entre Sarmiento e Schlieman por um homem da dimensão intelectual de Virchow, dá uma exacta ideia do impacto da obra e da figura do arqueólogo vimezanense entre os seus contemporâneos.

Um outro visitante, mais novo do que Virchow, com 35 anos de idade, Emile Cartailhac (1845-1921), representava o Ministério Francês da Instrução Pública. Secretário do Museu de História Natural de Toulouse, fundador (1869) da revista "Materiaux pour l'Histoire Naturelle et Primitif de l'Homme", era uma personalidade bastante conhecida. Muito activo, Cartailhac é assim descrito por Rafael Bordalo Pinheiro: "É a archeologia na forma de pé de vento. No lugar para que ele olha os papéis esvoaçam nas mesas e os fósseis, dentro das suas vitrines, estremeçam".

As notas, que Cartailhac recolheu durante a sua visita à Citânia, vão ser utilizadas na obra que publica seis anos depois, e que constituirá um marco na Arqueologia peninsular, servindo

de compêndio a várias gerações: “Les Âges Pre-Historiques de l’Espagne et du Portugal” (1886). Neste livro Cartailhac refere-se directamente a Martins Sarmiento: “Il y a dans le nord du Portugal, à Guimarães, um homme instruit et fortuné, enthousiaste et généraux, qui s’est devoué à l’histoire de son pays. Monsieur Martins Sarmiento, à la suite des fouilles très considerables et habilement conduites, a mis au jour des ruines de la plus haute importance. Les résultats de ses recherches vont nous permettre, elles aussi, de noter des liens positifs entre la peninsule, l’Italie et la Grèce, de combler en partie l’intervale qui sépare les temps protohistoriques de l’époque romaine”.

Os testemunhos de Virchow e Cartailhac são elucidativos e ilustram, por si mesmo, o impacto europeu da obra do arqueólogo vimaranense.

5. Pertencendo a uma geração em que ainda predominavam os antiquários, Martins Sarmiento ultrapassou o limiar da erudição, para entrar no campo específico do conhecimento científico, sendo pois necessário considerá-lo como um dos fundadores da arqueologia portuguesa, a par de Carlos Ribeiro, de Nery Delgado ou de Estácio da Veiga.

Carlos Ribeiro e Nery Delgado, ampliando a linha iniciada por Francisco Pereira da Costa, possuíam uma formação diferente. A sua perspectiva do passado e os seus conhecimentos passavam por intermédio da geologia. Os seus trabalhos sobre o Paleolítico e o Neolítico de Portugal, não podem ser desligados da vasta obra que dedicaram ao estudo da Geologia de Portugal. No quadro da arqueologia podem ser considerados os fundadores dos estudos de Pré-História.

Pelo contrário o ângulo de aproximação e a perspectiva de Martins Sarmiento radicam-se em conhecimentos derivados da História Clássica e da Etnologia. Se recordarmos que Martins Sarmiento pertencia a uma geração anterior a Leite de Vasconcelos, considerado, talvez precipitadamente, como o pai da paleo-etnologia portuguesa, torna-se importante reter este aspecto.

Martins Sarmiento não foi um amador com recursos, ou apenas um arqueólogo de campo. Não foi um simples colecionador de ruínas e peças, um arqueólogo descritivo, como ainda hoje tantos são por incapacidade, ou hábito.

Procurou integrar as ruínas e as peças num universo de conhecimentos interdisciplinares, articulando a Arqueologia com a Etnologia, com os Estudos Orientais, com a História Clássica. No seu livro “Os Argonautas” expressa-se um pensamento sincrético e criativo, revelador de uma personalidade forte e de numerosas leituras.

Mas todos estes aspectos serão aprofundados com mais rigor e maior cópia de conhecimentos pela doutora Manuela Martins na sua conferência.

BIBLIOGRAFIA

- França, José-Augusto (1974) - *O Romantismo em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa.
- Gonçalves, Victor (1980) - *O IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa 1880): uma leitura, seguida de Crónica de Bordalo Pinheiro*, Lisboa, 44 p.
- Lemos, Francisco de Sande (1985) - A Conferência de 1877 na Citânia de Briteiros. *Cadernos de Arqueologia*, Série II, Braga, pp. 215-294.
- (1987) - As Três Idades da Arqueologia Portuguesa. *Forum*, 2, Braga, pp. 5-12.
- (1988) - A Excursão ao Norte de Portugal do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (1880): Braga e Citânia de Briteiros. *Forum*, 4, Braga, pp. 43-56.
- (1989) - Arqueologia Portuguesa: Aspectos Históricos e Institucionais. *Forum*, 5, Braga, pp. 91-106.